

A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS NA TEORIA DE VYGOTSKY: POSSIBILIDADES COGNITIVAS PARA A REALIZAÇÃO DA LEITURA.

Rosangela Valachinski Gandin¹

RESUMO

O pensamento humano desenvolve-se num movimento dialético que tem o significado apreendido e internalizado como base para a compreensão de um novo conhecimento. Essa compreensão ocorre por meio da análise e da abstração, resultando numa síntese, portanto, um novo significado. O desenvolvimento do pensamento infantil conta com três estágios, isto é, estágio do pensamento sincrético, estágio do pensamento por complexos e estágio do pensamento por conceitos potenciais até completar o desenvolvimento no final da adolescência, quando o adolescente consegue pensar e elaborar enunciados por meio dos conceitos científicos. É a leitura da palavra quem dirige os processos de formação do pensamento, que por sua vez, conduzem ao desenvolvimento dos conceitos científicos. A leitura dialética também denominada de leitura interativa reúne elementos da leitura ascendente (tradicional) e da leitura descendente (ativa), promovendo uma interação entre os conhecimentos prévios do leitor e o texto, criando possibilidades do leitor internalizar novos significados durante o processo de leitura.

Palavra chave: Leitura dialética, pensamento infantil, desenvolvimento dos conceitos, significado.

THE BUILDING OF MEANINGS IN VYGOTSKY'S THEORY: COGNITIVE POSSIBILITIES FOR ACHIEVEMENT OF READING.

ABSTRACT

The human thought is developed in a dialectical movement which has the meaning seized and internalized as a basis for the comprehension of a new knowledge. This comprehension happens through an analysis and abstraction, resulting in a synthesis, therefore, a new meaning. The development of the children's thinking occurs in three stages, this is to say, the stage of syncretic thinking, stage of complex thinking and the thinking stage for potential concepts that completes its development in late adolescence, when teenagers can think and prepare statements through scientific concepts. It is the reading of a word who guides the formation processes of thought, which leads to the development of scientific concepts. The dialectical reading also called interactive reading combines elements of ascendant reading (traditional) and descendant reading (active), promoting an interaction between prior knowledge of the reader and the text, creating possibilities for the reader to internalize new meanings during the reading process.

Keywords: dialectical reading, children's thinking, development of concepts, meanings.

¹ Pedagoga da Universidade Federal do Paraná. Rua Jaguariaíva, 512 – Matinhos – Pr. 80260-000, e-mail: gandin_valachinski@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo traz uma breve revisão de literatura da Teoria de Vygotsky sobre o desenvolvimento do pensamento infantil e tem o objetivo de fornecer elementos teóricos para o trabalho de pesquisa que pretende investigar, como a formação continuada dos professores da primeira etapa do ensino fundamental pode contribuir para que os alunos adquiram o domínio da leitura com interpretação e produção escrita de textos narrativos, ao longo dos anos iniciais do ensino fundamental?

Será apresentada uma síntese sobre a importância da atuação do mediador na zona de desenvolvimento proximal – ZDP e da palavra na formação do pensamento infantil, bem como a sua estreita relação com os estágios de desenvolvimento da fala. Conclui-se com uma reflexão sobre a interação entre o modelo de leitura dialética e o processo de formação do pensamento infantil.

O PAPEL DO MEDIADOR CULTURAL NA FORMAÇÃO DO LEITOR.

Discorrer sobre aprendizagem e desenvolvimento parece algo simples e fácil de relatar. Apesar de serem termos que estão presentes na vida do educador, apresentando-se muitas vezes explícitos no discurso profissional, em muitos casos são apresentados sem o conhecimento da especificidade dessa teoria.

Por isso, antes de mergulharmos no assunto antecipado pelo título deste trabalho, faz-se necessário entender o conceito de aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva de Vygotsky.

Em Vygotsky (1984, 2010) a aprendizagem é anterior ao desenvolvimento porque a aprendizagem gera o desenvolvimento a partir da zona de desenvolvimento proximal – ZDP. É a partir das ações desenvolvidas pelo sujeito e por meio da interação social que ocorre a apropriação dos conhecimentos produzidos pela humanidade, ou seja, é no contato direto com textos seja na linguagem teatral, na contação de história ou na leitura com mediação que a criança irá se apropriar da cultura letrada e tornar-se leitora autônoma na medida em que essas atividades vão criando ZDP e a mediação de um adulto ou de alguém mais capaz auxilie o

processo de leitura, permitindo o desenvolvimento do pensamento, pois a ZDP:

É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sobre a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKI, 1984, p. 112).

Portanto, é através das relações intersíquicas que o ser humano entra em contato com a cultura para posteriormente compreendê-la numa visão intrapsíquica, conforme palavras do autor:

Todas as funções psicointelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento da criança: a primeira vez, nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções intersíquicas: a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas. (VYGOTSKY, 2001, p. 114).

Se a zona de desenvolvimento proximal é o espaço para ação educativa por excelência, é também o espaço para a fala do outro, a voz do discurso do outro, pois o ser humano torna-se ele mesmo a partir do olhar do outro, da leitura que o outro realiza do seu ser, porque para Vygotsky (1989, *apud*, Pino, 2000, p. 54) ² “o desenvolvimento cultural passa por três estágios: desenvolvimento em si, para os outros, e para si mesmo”.

Em síntese, nos tornamos sujeitos sociais pela leitura e internalização do discurso do outro, num processo interno, que resulta no desenvolvimento de si mesmo.

Se para esse autor é a aprendizagem que promove o desenvolvimento, então, ela aparece muito cedo na criança, mesmo antes de seu ingresso numa instituição escolar, ou seja, está presente em todas as interações vivenciadas desde o seu nascimento, o que, por sua vez, contribui diretamente com a formação dos conceitos espontâneos e na medida em que entra em contato com a instrução escolar, passa então a reelaborá-los, tornando-se conscientes desses, portanto, transformando-os em conceitos científicos.

A criança passa por diversas metamorfoses desde o seu nascimento. O seu primeiro contato com o mundo é realizado pela sensação da fome por meio dos reflexos inatos, enquanto

²

VYGOTSKY, L. S. Concrete human psychology. *Soviet Psychology*, XXVII (2), pp. 53-77.

o contato com o mundo na fase adulta é realizado pelo olhar, ou seja, pela leitura do mundo utilizando as suas funções psicológicas superiores, isto é, o comportamento intencional, a abstração, a conscientização, a atenção, a memória e a linguagem. Primeiramente, a criança não é vista como um ser social, e sim como um ser orgânico, que ao interagir com um adulto ou com alguém mais capaz do que ela, irá criar uma zona de desenvolvimento proximal que possibilitará aprendizagem e que resultará em desenvolvimento.

A linguagem tem papel fundamental nesse processo de vir a ser, uma vez que é por meio dela que a comunicação ocorre. Assim como a palavra possui uma função importante durante a leitura porque auxilia na construção das interpretações dos enunciados.

Portanto, o mediador cultural, que pode ser um professor, os responsáveis pela criança ou até mesmo uma criança mais capaz, que ao ler com o pequeno leitor poderá motivá-lo ou despertar indagações a partir do significado dicionarizado da palavra ou do sentido construído pelo contexto do enunciado.

A PALAVRA COMO FONTE DIRETIVA NA CONSTRUÇÃO DE INTERPRETAÇÕES, NA FALA INTERIOR.

A palavra assume uma função importante no processo cognitivo da criança porque dirige a construção das interpretações no pensamento infantil, uma vez que estão estreitamente ligados, conforme palavras de Vygotsky (1993, p. 131), “a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra”.

No entanto, a palavra como diretora do processo de atribuir significados/interpretar os objetos verbais e não verbais culturalmente construídos pela humanidade, caminha e contribui com a evolução do desenvolvimento da fala, conforme tabela 1.

ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DA FALA	
ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO	CARACTERÍSTICA
1º estágio – Natural ou primitivo	Corresponde ao pensamento pré-verbal e à fala pré-intelectual. O grito, o balbucio, as primeiras palavras são consideradas fala pré-intelectual. As operações aparecem de forma original, tal como evoluíram na fase primitiva do comportamento.

<p>2º estágio – Psicologia ingênua</p>	<p>Experiência da criança com o seu próprio corpo e aplicação dessa experiência ao uso de instrumentos. Início da inteligência prática. A fala se manifesta pelo uso correto das formas e estruturas gramaticais antes de aprender as operações lógicas que representam. Domina a sintaxe da fala antes da sintaxe do pensamento Opera com orações subordinadas, com palavras como por que, se, quando, e, mas, antes de aprender as relações causais, condicionais e temporais. A criança assimila a estrutura externa do signo e considera a palavra como parte do objeto, ou seja, crianças pequenas explicam o nome dos objetos pelas suas propriedades. Não conseguem interpretar o significado da palavra em outros contextos.</p>
<p>3º estágio – Signos exteriores</p>	<p>A criança realiza operações externas que auxiliam na resolução de problemas internos, como por exemplo, a utilização dos dedos para contar. É caracterizado pela utilização dos signos mnemotécnicos externos nos processos de memorização. Surge a fala egocêntrica nesse estágio.</p>
<p>4º estágio – Crescimento Interior</p>	<p>As operações externas se interiorizam e passam por uma profunda mudança no processo. A criança começa a usar a memória lógica, isto é, a operar com relações intrínsecas e signos interiores. Ex: contar mentalmente. Estágio final da fala interior, silenciosa. As interações entre as operações externas e internas ocorrem sem esforço, transformando-se uma nas outras.</p>

Tabela 1 – Estágios de desenvolvimento da fala

Fonte: Elaborado a partir da leitura do livro de Vygotsky, L. S. Pensamento e Linguagem, 1993 e Construção do Pensamento e da linguagem, 2001.

Conforme demonstra a tabela, a fala passa por quatro estágios até chegar ao seu ápice no 4º estágio, ou seja, o crescimento interior, quando a criança começa a pensar as palavras de forma predicativa, por isso a semântica e o significado predominam na fala interior e criam a possibilidade de ocorrência de interpretações.

No entanto, antes da criança começar o processo de internalização das palavras, existe um estágio anterior denominado de fala egocêntrica, caracterizado pela utilização de instrumentos externos e que tem por função orientar mentalmente a compreensão consciente até chegar ao nível da fala interior.

A fala egocêntrica tem sua gênese na fala social primária e apresenta trajetória e curva ascendente até chegar à abstração do som, momento em que a criança passa a pensar as palavras, ao invés de apenas pronunciá-las. Quando a curva da trajetória da fala egocêntrica inicia o processo descendente, o processo de transformação para a fala interior teve seu início.

É no processo de desenvolvimento da fala e no desenvolvimento do pensamento que a palavra começa a cumprir a sua função, isto é, começa a dirigir a construção do pensamento em todos os seus estágios de desenvolvimento. Conforme palavras de Vygotsky (1993, p.70), “o

emprego da palavra é parte integrante dos processos de desenvolvimento, e a palavra conserva a sua função diretiva na formação dos conceitos verdadeiros”.

O quadro abaixo ilustra as características da fala egocêntrica e da fala interior e como a palavra aparece em ambas.

CARACTERÍSTICAS DA FALA EGOCÊNTRICA E DA FALA INTERIOR	
FALA EGOCÊNTRICA	FALA INTERIOR
Sua origem está na individualização insuficiente da fala social primária, sendo que até aos três anos de idade não existe diferença entre a fala egocêntrica e a fala social primária;	Sua origem está na trajetória descendente da fala egocêntrica e é quase sem palavras, sendo abreviada e predicativa;
Está a serviço da orientação mental e da compreensão consciente;	A predicatividade aparece na fala interior em dois casos: Em situação de resposta e quando o sujeito a ser enunciado é conhecido.
É uma transição entre a fala social primária e a fala interior;	Está a serviço da interpretação, por isso opera com a semântica e há predomínio do sentido sobre o significado da frase, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase.
Tem função de fala interior, porém, sua expressão é idêntica à fala social primária;	Expressa significados puros, na medida em que as palavras morrem e surge o pensamento.
Geneticamente transforma-se em linguagem interior no limiar da idade escolar, porém desempenha função e apresenta estrutura muito próxima da fala interior.	Apresenta função da fala autônoma;
É uma linguagem para si, sendo vocalizada e sonora.	É um pensamento ligado por palavras e não aspecto interior da fala exterior.
	É uma linguagem para si, porém, silenciosa.

Tabela 2: Características da fala egocêntrica e da fala interior

Fonte: Elaborado a partir da leitura do livro de Vygotsky, L. S. Pensamento e Linguagem, 1993 e Construção do Pensamento e da linguagem, 2001.

De acordo com as informações da tabela, não existe diferença antes dos três anos de idade entre a fala social primária e a fala egocêntrica, porque a criança sente a necessidade de em voz alta, falar sobre a ação que deseja realizar. Isso ocorre porque está ausente o sentimento de compreensão dos objetos, pois ela vive num mundo semirreal onde há presença do pensamento e da fantasia egocêntricos, onde a fala é um monólogo, um discurso com ela mesma, porém, serve para que ela possa organizar seus próprios pensamentos. Essa situação indica a existência de uma etapa pré-linguística e pré-intelectual no desenvolvimento da fala. Em síntese, a tabela 1 (Estágios de desenvolvimento da fala) auxilia na compreensão dessa etapa e das próximas.

Apesar da fala egocêntrica apresentar função semelhante à fala interior, é nesta que ocorre o processo de abstração entre o conhecimento espontâneo e o conhecimento científico, por isso expressa pensamento puro e é desconexa se for comparada à fala exterior, pois esta percorre um caminho que vai da parte para o todo, ou seja, da palavra com significados para o enunciado completo. Embora, forme uma unidade com a fala interior, conforme ilustra o gráfico

a seguir, o movimento da fala interior segue movimento contrário, do todo para parte.

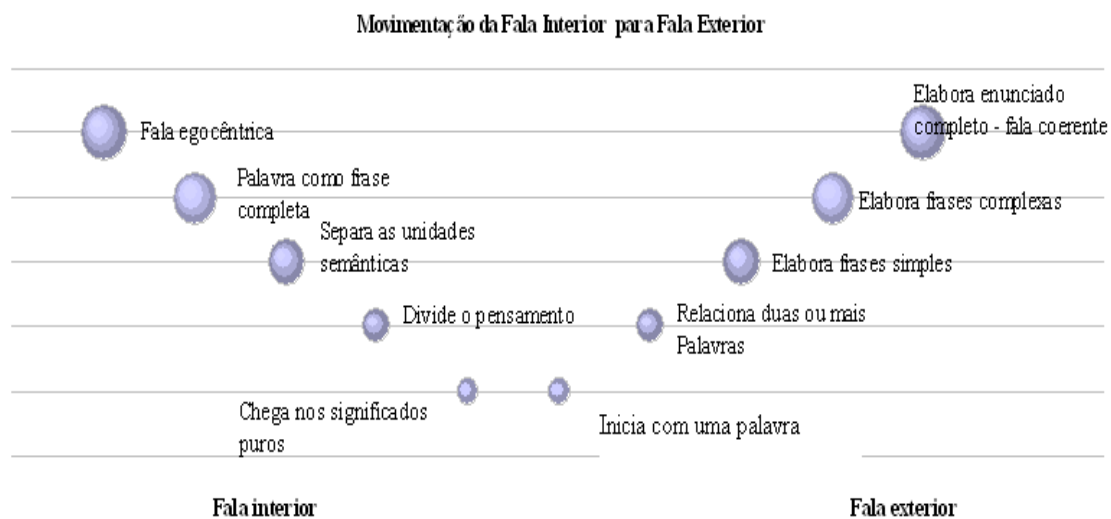


Gráfico 2 – Movimento do processo de leitura, da interpretação e exteriorização dos significados internalizados.
Fonte: Elaborado a partir da leitura do livro de Vygotsky, L. S. Pensamento e Linguagem, 1993 e Construção do Pensamento e da linguagem, 2001.

A fala interior torna-se mais evidente na criança quando essa entra em contato com o conhecimento escolar, porém, já é observada nos estágios de desenvolvimento do pensamento sincrético.

Na construção da unidade entre a fala interior e exterior, existem as etapas da expressão, por meio de enunciados, do que se interpretou e internalizou, e que poderá ser exteriorizado em diversas linguagens ou nos diferentes gêneros textuais, conforme palavras de Vygotsky (1992, p. 113) “a fala interior é para si mesmo; a fala exterior é para os outros.”

Resumindo, em poucas palavras, a leitura inicia a sua trajetória com o pequeno leitor recebendo o enunciado do mediador cultural ainda no estágio da fala social primária, continuando o seu caminho na fala egocêntrica, onde a criança inicia o processo de pensar as palavras para atingir o significado puro no estágio da fala interior, ou seja, antes era fala/enunciado dos outros, agora é a fala/enunciado interpretado pelo leitor que é externalizado para os outros.

A LEITURA INTERATIVA: CONCEITO E CONCEPÇÃO

Isto acontece porque o significado internalizado pela criança não ocorre da mesma forma como no adulto cultural, embora tanto para a criança como para o adulto, antes da fala

dos outros tornarem-se pensamento, faz-se necessário que o enunciado a ser interpretado seja um tema gerador capaz de motivar a abstração e suscitar o desejo de compreender a informação vinda do autor.

De acordo com Vygotsky (1993, p. 129), “o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções.” A partir dessas palavras é possível concluir que a criança não é um ser passivo nas relações interpessoais, ela também dialoga nessa relação, embora apresente semelhança no querer com o adulto, contudo, apresenta diferenças em relação ao adulto no que se refere à compreensão do enunciado, visto que:

A linguagem do meio ambiente, com seus significados estáveis e permanentes, indica o caminho que as generalizações infantis seguirão... O adulto não pode transmitir à criança o seu modo de pensar. Ele apenas lhe apresenta o significado acabado de uma palavra, ao redor da qual a criança forma um complexo. (VYGOTSKY, 1993, p. 58);

No processo da leitura dialética ou interativa, os conhecimentos internalizados em outros estágios são as bases para a leitura, porque ler é antes de mais nada um ato de busca de respostas para satisfazer o desejo ou as lacunas de conhecimento, ou seja, como diz Foucault (2008, p. 64), “ler é ter escolhido procurar alguma coisa; dissociada dessa intenção, a leitura não existe. Já que ler é encontrar a informação que escolhemos, a leitura é por natureza flexível, multiforme, sempre adaptada à pesquisa”.

Na figura 2, leitura dialética, o texto, objeto de análise e abstração, tem função de provocar a interação entre leitor-texto-autor e responder as questões levantadas pelo leitor. As palavras, as frases e os parágrafos assumem o papel de realizar a interação e de despertar a construção da generalização no pensamento da criança, isto é, o texto indicará como o processo de interpretação irá ocorrer, promovendo, então, desenvolvimento do pensamento.

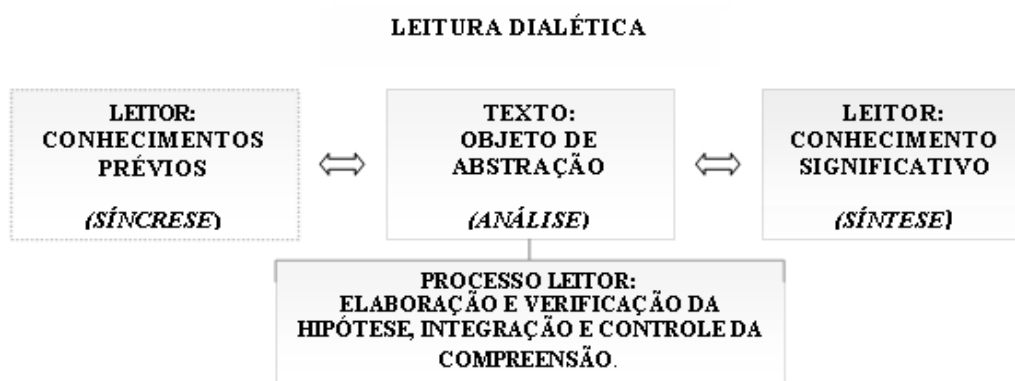


Figura 2 – Esquema da leitura dialética

Fonte: Construído a partir da leitura do livro *Ensinar a ler, ensinar a compreender* de Teresa Colomer e Anna Camps (2002) e de *Uma didática para Pedagogia Histórico-crítica* de João Luiz Gasparin (2003).

No modelo de leitura dialética, três níveis de conhecimentos são necessários para o ato de ler, ou seja, o pequeno leitor deverá ter conhecimento textual (situação comunicativa), conhecimento linguístico (paralinguísticos, relações grafo fônicas, morfologia, sintática, semântica, coesão, coerência) e conhecimento de mundo ou prévio (significados internalizados em outras leituras). Nesse modelo de leitura é constante a utilização de estratégias metacognitivas e cognitivas. A segunda diz respeito aos atos realizados automaticamente pelo leitor adulto e que são responsáveis pela interpretação. Ativar o conhecimento prévio, realizar inferência, identificar o tema e a ideia principal e elaborar resumo sobre o que entendeu, são estratégias cognitivas. As metacognitivas são estratégias que o leitor tem consciência, isto é, corresponde aos objetivos de leitura e a elaboração de hipóteses (quais são as respostas que o texto trará para as perguntas do leitor), pois na leitura dialética a objetividade e monitoração do conhecimento prévio com o conhecimento novo (o texto) são atos planejados, previamente, pelo leitor.

As estratégias cognitivas e metacognitivas são possíveis de serem ensinadas ao pequeno leitor durante o ato de leitura, pois o modelo interativo de leitura considera o leitor um ser que interage com o texto. As autoras Colomer e Camps apresentam uma definição para o modelo interativo de leitura, considerando a relação dialética entre leitor-texto-autor, assim:

Nos modelos interativos o leitor é considerado como um sujeito ativo que utiliza conhecimentos de tipo muito variado para obter informação do escrito e que reconstrói o significado do texto ao interpretá-lo de acordo com seus próprios esquemas conceituais e a partir de seu conhecimento do mundo. A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais. (COLOMER; CAMPS, 2002, p. 31).

Portanto, a leitura é uma atividade que contribui com o desenvolvimento do pensamento desde a tenra idade, porque não há problema nenhum retomar temas trabalhados em outras fases, pois ao serem retomados ou ativados servirão para consolidação da aprendizagem em outros estágios de pensamentos, conforme descrição no próximo tópico.

A LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO INFANTIL

O conhecimento é resignificado de acordo com os instrumentos linguísticos, com a experiência social que a criança vivencia e com o estágio de pensamento em que esta se encontra, isto é, a leitura está intimamente ligada ao desenvolvimento do pensamento infantil, ou seja, desenvolvem-se segundo a evolução do pensamento sincrético para o pensamento por complexos, e depois para o pensamento por conceitos potenciais até atingir o nível do pensamento por conceitos, pois:

O desenvolvimento dos processos que finalmente resultam na formação de conceitos começa na fase mais precoce da infância, mas as funções intelectuais que, numa combinação específica, forma a base psicológica do processo da formação de conceitos amadurece, se configura e se desenvolve na puberdade. (VYGOTSKY, 1993, p. 49 – 50).

É na educação infantil e no estágio do desenvolvimento da fala denominado de psicologia ingênua que a criança, a partir da leitura do significado acabado de uma palavra, começa a construir o seu pensamento. Nesse período inicia-se a primeira fase da formação dos conceitos denominada de conglomerado vago e sincrético de objetos isolados que, por sua vez, possui três estágios.

O primeiro estágio é manifestação de tentativa e erro no desenvolvimento do pensamento infantil, por isso a leitura e interpretação é resultado de agrupamentos ao acaso de diferentes categorias, tais como: cores, formas e palavras diferentes é resultado do acaso. Nesse estágio, para existir a substituição de algum objeto do grupo, é necessário provar a necessidade de realizar essa ação para a criança, caso contrário, ela não irá alterar a composição formada.

É muito comum as crianças agruparem personagens de diferentes histórias na produção oral de narrativas ou nas brincadeiras de faz de conta.

O pensamento na segunda fase continua sincrético, no entanto, há evolução em relação ao estágio anterior, pois a criança passa a organizar os objetos pela posição espacial dos mesmos, exigindo o uso da percepção visual ou dos signos externos na leitura, isto é, organizam as imagens ou cenas isoladas ou não, relacionando-as com outras imagens percebidas.

Pode-se deduzir hipoteticamente, que a fala egocêntrica se distingue da fala social primária nesse subestágio do pensamento sincrético, porém, o sincretismo continua e acentua-se na terceira fase numa base mais complexa, justamente porque as crianças tentam dar

significado a uma nova palavra/cena/ação, contudo processam essa nova significação extraindo elementos dos grupos amontoados anteriormente e armazenados na memória, que ao serem recombinaados não apresentam coerência. Isto é observado quando a criança na leitura de narrativas, mesmo na oralidade, constata hipóteses elaboradas anteriormente. Nessa fase do sincretismo, o estágio da fala egocêntrica está demonstrando mais claramente, ou melhor, que está a serviço da organização mental, ou seja, do processo de transformação em fala interior.

Os pré-leitores, crianças não alfabetizadas, usam mais a imaginação para ler, por isso livros com imagens e pouco texto contribuem com a leitura e com a produção textual na oralidade, criando condições para a evolução da leitura e aquisição da escrita.

Leituras realizadas na educação infantil de narrativas ou outros gêneros textuais, desde que organizados de acordo com leitura dialética, elas criam ZDP's para que a criança, mesmo na oralidade, antecipe os significados do texto, incentivando-as a elaborar hipóteses para posteriormente, durante e após a leitura, constatar ou não as hipóteses elaboradas. O processo de internalização dos significados contidos nos textos e a criação de necessidades e motivos para que aos poucos a literatura e a escrita passem a fazer parte da vida da criança, são objetivos atingíveis e contribuem com o desenvolvimento infantil, pois de acordo com Vygotsky (1993, p. 124), "a escrita é a forma de fala mais elaborada".

Dramatizar, desenhar e cantar nesse estágio influenciam a evolução do pensamento infantil, porque ao participar dessas atividades, que a *priori* são vistas como brincadeiras, as crianças estarão acionando os processos internos conduzidos pela ação, ou seja, ao agir e ao internalizar os significados promovidos por essas ações nas ZDP's, estarão gerando desenvolvimento no pensamento, porque para Vygotsky:

Uma criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo; ao invés disso, ela quer e realiza seus desejos, permitindo que as categorias básicas da realidade passem através de sua experiência. A criança, ao querer, realiza seus desejos. Ao pensar, ela age. As ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa. (1984, p. 132).

Desta forma, ao agir nas atividades, ela não separa a leitura do mundo, do seu contexto e da imaginação, porque as crianças antes de tentar escrever ou desenhar o seu pensamento, indicam pela fala e pelos movimentos o que tentam representar no papel, uma vez que ainda não utilizam a escrita como auxiliar da memória, pois para Luria (2001, p. 99) "A habilidade para

auxiliar sua memória com alguma anotação ou marca, algum expediente ausente mnemotécnico, como é chamado, em vez da memorização direta, está ausente na criança neste nível de desenvolvimento”.

No pensamento por complexo, segundo estágio do desenvolvimento do pensamento infantil, a internalização dos significados ocorre pela associação da impressão subjetiva com as relações que existem de fato entre os objetos do grupo. As ligações são construídas a partir da conexão das ações narradas no texto com a realidade concreta da criança, não sendo, portanto, lógico e nem abstrato, conforme afirma Vygotsky:

Em um complexo, as ligações entre seus componentes são concretas e factuais, e não abstratas e lógicas... As ligações factuais subjacentes aos complexos são descobertas por meio da experiência direta. Portanto, um complexo é, antes de mais nada, um agrupamento concreto de objetos unidos por ligações factuais. (1993, p. 53).

O pensamento por complexo não se eleva acima de seus elementos como acontece com os conceitos verdadeiros, ao contrário, o pensamento nesse estágio une-se com os objetos ou fatos concretos que compõem a vida da criança, ou seja, existe a fusão do geral com o particular ou do que é veiculado no texto com o cotidiano da criança.

É observável o início da formação dos complexos quando há superação gradativa da fala egocêntrica, elemento necessário para que o indivíduo supere o sincretismo e inicie o processo de classificar os textos, organizando-os por personagens, tema ou situações do cotidiano. Uma espécie de abstração caracterizada pela classificação de um traço comum entre objetos, personagens, textos, ilustração, cenas diferentes, porém, ainda não é idêntica à abstração dos conceitos verdadeiros. Pode-se deduzir que o pensamento por complexo tem seu início na curva descendente da transição da fala egocêntrica em direção à fala interior.

Os complexos são organizados em cinco fases ou sub-estágios: associativo, coleções, cadeia, difusas e pseudoconceitos.

Os complexos associativos são observados quando a criança realiza ligação entre o objeto nuclear que pode ser o personagem principal, o antagonista ou alguma característica deles com personagens de outros textos narrativos. É possível observar a associação quando, por exemplo, a criança, durante a leitura do clássico Chapeuzinho Vermelho associa o personagem Lobo Mau com o personagem Lobo Mau da narrativa dos Três Porquinhos. Observamos a associação, nesse exemplo, pois a criança internalizou as significações dos personagens durante a

leitura.

O complexo por coleções é resultado da experiência prática e funcional que combina os objetos por meio das impressões concretas e com características diferentes, tornando-os complementares entre si, em outras palavras, observa-se a coleção, por exemplo, quando solicitado à criança descrição de tudo o que se relaciona ao evento casamento, após ler à cena extraída da narrativa A pequena sereia, onde o príncipe estaria se casando com a bruxa disfarçada.

Destaque importante nesse exemplo corresponde ao ensino da estratégia cognitiva inferência e da visualização mental da cena do casamento, estratégias responsáveis pela interpretação e construção de sentido.

O complexo em cadeia é o sub-estágio que mais apresenta a fusão do geral com o particular, ou seja, a transmissão de significado de um elo para o outro é realizada numa junção dinâmica e consecutiva, de objetos isolados, em uma série.

A mediação na ZDP a partir da produção de textos na linguagem oral e por meio da técnica que retira objetos de uma caixa, para mais tarde, ser reestruturado de acordo com a gramática e a exigência do gênero textual, contribui com a escrita de textos narrativos. Vygotsky (1992, p. 87) afirma que “a gramática e a escrita ajudam a criança a passar para um nível mais elevado do desenvolvimento da fala” e a escrita, enquanto processo posterior à fala interior, contribui com a evolução do pensamento, conforme citação a seguir:

A evolução do rascunho para a cópia final reflete nosso processo mental. O planejamento tem um papel importante na escrita, mesmo quando não fazemos um verdadeiro rascunho. Em geral, dizemos a nós mesmos o que vamos escrever, o que já constitui um rascunho, embora apenas em pensamento. (...) esse rascunho mental é uma fala interior. (...) esta funciona como rascunho não apenas na escrita, mas também na fala oral. (VYGOTSKY, 1992, p. 124).

Atividades de produção de textos após a leitura de diferentes narrativas, em que o pequeno leitor consiga unir os fatos a partir do que aconteceu por exemplo com os personagens Branca de Neve, Cinderela, Bambi e Bela da história A bela e a fera, é um bom exemplo de cadeia que pode ser construída, se considerarmos que nesses clássicos o desfecho das histórias acaba em casamento, tendo cada personagem vivenciado uma situação problema com trajetória específica e que terminou com o enlace matrimonial. Então, é possível ler e produzir textos ou realizar inferência a partir de características dos personagens ou de alguma outra cena que a

criança recordar. Essa atividade, ainda, pode servir para avaliar se a criança já consegue resumir a história lida ou contada, apresentando as inferências necessárias para construir a interpretação e, no caso, as cadeias requeridas pela produção de textos.

Observa-se o pensamento por complexo difuso na criança quando organiza o seu pensamento a partir de ligações ilimitadas e indefinidas entre objetos. A internalização dos significados está intimamente ligada ao fato e às experiências, portanto, os complexos difusos é o resultado de conexões vagas, irreais e instáveis do pensamento infantil, ou seja, têm origem fora do conhecimento prático. Leituras dos contos de fada, das lendas, das narrativas de aventura são bons exemplos que ilustram a ligação entre o pensamento imaginário e criativo e ótimos recursos pedagógicos para propostas de aprendizagem que pretendem realizar interpretações entre o que é imaginário e o que é real. Um outro exemplo que ilustra esse estágio do pensamento pode ser observado durante a leitura, mais precisamente quando uma inferência é solicitada a criança e essa responder com uma ligação que não esteja conectada ao texto e nem as experiências do cotidiano, demonstrando claramente que são tentativas de busca de interpretações, podendo até estar adequado ao sentido do texto.

A ligação entre o complexo e o conceito ocorre por meio do complexo pseudoconceito que já aparece na criança desde a idade pré-escolar, sendo observado na 2ª fase ou sub-estágio do pensamento sincrético, pois a generalização que a criança faz não é a mesma que o adulto realiza, uma vez que ela recebe o significado da palavra acabado e a partir dessa ação é que serão indicados os passos para construção da interpretação. Conforme palavras de Vygotsky:

O adulto não pode transmitir à criança o seu modo de pensar. Ele apenas lhe apresenta o significado acabado de uma palavra, ao redor da qual a criança forma um complexo com todas as peculiaridades estruturais, funcionais e genéticas do pensamento por complexos, mesmo que o produto de seu pensamento seja de fato idêntico, em seu conteúdo, a uma generalização que poderia ter-se formado através do pensamento conceitual. (1993, p. 58).

Na leitura é possível observar o desenvolvimento do pseudoconceito se for considerado que cada associação realizada desde a etapa do pensamento sincrético é uma generalização, como por exemplo: Se perguntarmos a criança qual é o motivo da madrasta desejar a morte da Branca de Neve, é possível que ao longo do desenvolvimento seja encontrada as seguintes respostas.

a) No pensamento sincrético a criança poderá responder: a madrasta é malvada ou porque desejam ser a mais linda do reino ou conta trechos memorizados da narrativa.

Difícilmente obteríamos uma resposta nesse estágio que considera o ato da madrasta ciúme, inveja, vaidade ou manutenção do poder. Se aparecer, essas respostas são provenientes do comentário de um adulto, que a criança ouviu sobre o texto, passando a reproduzir a informação, sem ter consciência do significado das palavras e do sentido que pode ser assumido no texto;

b) O pseudoconceito evolui no estágio do pensamento por complexo. Nesse estágio poderão ocorrer respostas afirmando que a madrasta é malvada e ainda comparar com a ação de outro personagem, que pode ser provenientes de outras leituras ou dos fatos que ocorreram nas experiências da criança e, ainda, dizer que a madrasta é malvada porque não é boazinha como a Branca de neve, pois a Branca arrumou a casa dos sete anões. Nesse estágio a abstração acontece pela observação das diferenças e não pelas semelhanças nos atos das personagens.

O terceiro estágio do desenvolvimento do pensamento infantil, os conceitos potenciais, caracteriza-se, segundo Vygotsky (1993, p. 65 – 68), pela abstração e isolamento dos elementos de forma primitiva, sendo formados na esfera da percepção com base em impressões semelhantes e na esfera do pensamento prático com base nos significados funcionais semelhantes.

A abstração pode ser observada nos pensamento sincrético e complexo, conforme comentado no pseudoconceito, pois na realidade a criança pré-escolar já opera com conceitos e com abstração, pratica o pensamento conceitual antes de ter consciência clara da natureza dessas operações, por isso ela consegue chegar ao estágio da hipótese silábico-alfabética na aquisição da linguagem escrita e constatar hipóteses nas leituras realizadas.

A criança ou, talvez, o pré-adolescente atinge esse estágio quando afirma quase conscientemente o conceito malvado, respondendo que a madrasta é malvada porque ser malvado corresponde a maltratar os outros como é feito ao maltratar os animais de rua, ou, porque é malvada igual aos assassinos.

Em poucas palavras, os conceitos científicos tornam-se o principal instrumento do pensamento no final da adolescência, onde o adolescente consegue explicar o conceito, o tema, a ideia principal de uma narrativa sem recorrer, sem detalhar o texto, sem contar toda a narrativa para explicar o que entendeu, ou seja, utiliza as estratégias metacognitivas e tem consciência da necessidade de buscar conhecimentos extratextual por meio de inferência e de ativação do conhecimento prévio.

Vygotsky (1993) afirma que os conceitos verdadeiros são formados, processualmente,

num movimento dialético, tendo a palavra como diretora das interpretações e evolui ao longo de duas linhas principais, isto é, por meio da formação dos complexos e dos conceitos potenciais.

CONCLUSÃO

Compreender a teoria de Vygotsky sobre o desenvolvimento da fala e sua estreita relação com o desenvolvimento do pensamento na criança é interpretar o próprio processo de desenvolvimento de si e perceber a importância da palavra e da linguagem nas interpretações e na internalização dos significados pela criança.

Ao encontrar conexões entre o desenvolvimento da fala, do pensamento e o ensino da leitura dialética, estabelecem-se condições para o mediador intervir nas ZDP's contribuindo para o processo de tomada de consciência respeitando o desenvolvimento infantil. Dessa forma, é possível, desenvolvimento da leitura e da escrita e um leitor capaz de auto-regular o seu próprio processo de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M., 2010. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Hucitec, 2010.

COLOMER, Teresa e CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. **Modos de ser leitor: Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental**. Tradução Lucia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: UFPR, 2008.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: Vygotsky, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001. p. 143 – 189.

_____. A psicologia experimental e o desenvolvimento infantil. In: Vygotsky, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001. p. 85 – 117

PINO, Angel. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: **Psicologia & educação: Revendo contribuições**. Abigail Alvarenga Mahoney *et al.* Vera Maria Nigro de Souza Placco (Org.). São Paulo: Educ, 2000.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget: Uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Tradução de Vera Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura**. Tradução de Claudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. O universo das palavras: a visão de Vygotsky sobre a formação de conceitos. In: **Vygotsky: uma síntese**. São Paulo: Loyola, 6ª ed., 2009. .)

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____ **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____ O problema do ensino e do desenvolvimento mental na idade escolar. In: **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 465-487.

_____ Desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos na idade escolar. In: **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 517-545.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____ Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar In: Vygotsky, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 8ª ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 103 – 117.

VYGOTSKY, L. S; LURIA, A. R. A criança e seu comportamento. In: **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Victor I. Golod (Coord e org.); tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 151-238.